

PUEBLA: DA OPÇÃO PELOS POBRES A UMA IGREJA EM SAÍDA

(Puebla: from the Option for the Poor to a Church that goes forth)

Recebido: 28/09/2019

Aprovado: 17/12/2019

Clélia Peretti

Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) - São Leopoldo (RS)
Pós-doutora pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche e Pontificia Universidade
Lateranense (Roma)
E-mail: cpkperetti@gmail.com

Jeverson Nascimento

Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (Fabapar)
Doutorando em Teologia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)
E-mail: prjeverson@gmail.com

RESUMO

Este artigo disserta sobre os principais temas enfatizados no documento conclusivo da III Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla de los Angeles, no México, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Discorre sobre a experiência eclesial, as opções de Puebla, os rumos da Evangelização no continente latino-americano, cujo principal foco é a libertação e a promoção da dignidade dos pobres. Mostra, por meio da análise do Documento de Puebla, a continuidade do uso do método teológico-pastoral do *ver, julgar e agir*, na leitura da realidade socioeconômica, política e cultural, assim como as chaves de leitura para a interpretação do Documento: evangelização no presente e no futuro, comunhão e participação, as linhas e as orientações pastorais para a inclusão dos diferentes rostos dos pobres. O artigo retrata a importância da vocação, dos carismas e da atuação dos leigos na Igreja e no mundo. A memória dos 40 anos de Puebla, de modo particular o clamor dos pobres, remete à exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, com ênfase na *Igreja em Saída*, voltada para o fortalecimento da causa libertadora dos pobres, da solidariedade com o ser humano, do reconhecimento da dignidade humana e direitos humanos e civis. Enfatiza que a evangelização da cultura, característica da Igreja Missionária sob o

dinamismo do Espírito, é o ponto de conexão com a *Igreja em Saída* proposta pelo Papa Francisco. A *Igreja em Saída* é a comunidade de discípulos missionários que “primeiramente”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.

Palavras-chave: Puebla; Opção pelos pobres; Evangelização; Igreja em Saída.

ABSTRACT

This article is about the main topics emphasized in the concluding document of the III Latin American Episcopal Council Conference, held in Puebla de los Angeles, Mexico, from January 27 to March 13, February 1979. It discusses the ecclesial experience, the options of Puebla, the directions of evangelization in the Latin American continent, whose main focus is the liberation and promotion of the dignity of the poor. It shows through the analysis of the Puebla document, the continuity of the use of the theological-pastoral method of *seeing, judging and acting*, in the reading of the socio-economic, political and cultural reality, as well as the reading keys for the interpretation of the document: evangelization in the present and in the future, communion and participation, the pastoral lines and orientations for the inclusion of the different faces of the poor. The article portrays the

importance of vocation, charismas and the role of the laity in the Church and in the world. The memory of the 40 years of Puebla, in particular the clamor of the poor, refers to Pope Francis' apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*, with emphasis on the *church that goes forth*, focused on the strengthening the liberating cause of the poor, solidarity with the human being, recognition of human dignity and human and civil rights. It emphasizes that the evangelization of the culture, a feature of the missionary Church under the dynamism of the Spirit is the point of connection with the "*Church that goes forth*" proposed by Pope Francis. The *Church that goes forth* is the community of missionary disciples who take the first step, who engage, who go along, who produce fruit and celebrate.

Keywords: Puebla; Option for the poor; Evangelization; Church that goes forth.

INTRODUÇÃO

Puebla foi uma experiência eclesial, um debate sobre os rumos da Evangelização do Continente Latino-Americano. A Igreja, em Puebla, teve coragem de expor-se à crítica e ao debate, por amor à Verdade e por fidelidade ao povo, a quem quis servir com orientações pastorais. Sua marca foi a colegialidade, a participação no diálogo, a lealdade em busca da Verdade. Além disso, destacam-se, em Puebla, o resgate antropológico do Vaticano II, a evangelização dos povos do Continente, submetidos a situações de injustiça e opressão, e a conclamação a todos os povos de boa vontade, mas sobretudo aos cristãos e aos membros da Igreja Católica, a assumirem, com coragem e responsabilidade, a tarefa de construir uma sociedade latino-americana nova, cristã na sua fé e justa nas suas estruturas sociais. Puebla convoca todos os batizados e homens e mulheres de boa vontade para se engajarem, dentro de suas possibilidades e com responsabilidade na construção de uma sociedade pluralista da América Latina, com uma alternativa justa e fraterna.

Na Apresentação do documento, resultado de intenso trabalho colegial, os bispos afirmam que a Conferência de Puebla não é um documento teológico, “ela é acima de tudo um espírito: o espírito de uma Igreja que se projeta com renovado vigor ao serviço de nossos povos cuja realização há de seguir o chamado de vida e transformação de quem colocou seu tabernáculo no coração de nossa própria história” (PUEBLA, Apresentação, p. 72). Com sua característica pastoral, objetivava falar para a Igreja toda da América Latina, oferecendo opções e orientações para as diversas comunidades. Seus destinatários são agentes de pastoral, clero, religiosas e religiosos, e pequenos setores de leigos engajados na pastoral da Igreja (PUEBLA Alocução, p. 66).

Assim, a Igreja latino-americana, consciente da pobreza injusta do Continente, recepcionou o Vaticano II, fazendo sua releitura desde a perspectiva antropológica dos

“Pobres”. Escutou seus clamores, anunciou-lhes a Boa Nova do Reino de Deus, denunciou as estruturas injustas, que qualificou de estruturas de pecado, entendendo que, na presença dos pobres, o anúncio deve sempre estar unido à denúncia, e propôs a opção preferencial pelos pobres, ao mesmo tempo em que assinalava seu potencial evangelizador (CODINA, 2007; PUEBLA 1147).

Desse modo, os pobres põem em marcha o processo de evangelização libertadora. Destinatários privilegiados da mensagem do Reino de Deus, os pobres são também seus portadores. Na medida em que, no centro de suas preocupações, de sua organização, de sua vida e missão, está a vida dos pobres; na medida em que denuncia a maldade e a pecaminosidade que é a situação de miséria e exclusão em que vivem tantas pessoas; na medida em que se coloca completamente do lado e a serviço dos pobres, assumindo suas causas e suas lutas históricas, não obstante as ambiguidades e contradições que comportam, a Igreja dos pobres se torna lugar privilegiado de instauração do Reino de Deus e, conseqüentemente, seu fermento histórico no mundo. (AQUINO JÚNIOR, 2005)

À luz da Conferência de Puebla, a Igreja percebe a necessidade de profetas e evangelizadores que tenham coragem de denunciar tudo o que gera morte física e espiritual e atenta contra a vida dos menos favorecidos e discriminados, buscando alternativas justas. Conscientiza-se, ainda, da necessidade de uma revitalização que envolvesse “o conhecimento da realidade do povo latino-americano e seu contexto histórico, com suas variadas circunstâncias” (PUEBLA 3). A partir de Medellín, a Igreja latino-americana tem conseguido uma nítida consciência de sua missão e abriu-se com lealdade ao diálogo, “a fim de contribuir para a construção de uma sociedade nova, mais justa e mais fraterna, que é uma clamorosa exigência dos nossos povos” (PUEBLA 12).

E, ainda, a Igreja:

tem-se esforçado por convocar as pessoas para uma contínua conversão individual e social. Pede que todos os cristãos colaborem na transformação das estruturas injustas, comuniquem valores cristãos à cultura global em que estão inseridos, e, conscientes dos resultados já obtidos, se animem a continuar trabalhando pelo seu aperfeiçoamento (PUEBLA n. 16).

Além disso, a renovação da Igreja resulta em reforçar a formação permanente dos leigos (PUEBLA 155), uma formação integral e libertadora, sempre em confluência com a busca de alternativas para a vida, incluindo aqueles que lutam pela vida e justiça social (PUEBLA 312) e se unindo àqueles que batalham diariamente pelo cuidado e defesa da Terra (PUEBLA, 492). Ademais, em Puebla, foi levantada a hipótese de que a pobreza da América Latina é consequência do sistema liberal, marxista, das estruturas econômicas que atentam contra a dignidade da pessoa humana (PUEBLA, 550). Dessa forma, é necessário unir projetos pastorais que tenham por base a defesa dos direitos humanos, políticos e sociais, com o propósito de educar para o respeito da dignidade da pessoa humana.

1. AS OPÇÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, convocada pelo Papa Paulo VI, assumida por João Paulo I e realizada por João Paulo II, em Puebla de los Angeles, México, do dia 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, contou com a participação

de trezentos e cinquenta e seis bispos delegados. No seu discurso inaugural, pronunciado no Seminário Palafoxiano de Puebla de Los Angeles, no dia 28 de janeiro de 1979, João Paulo II faz alusão à iniciativa de Papa Paulo VI em convocar a Conferência com o tema “*O presente e o futuro da evangelização na América Latina*”! Refere-se, no seu discurso, à importância do Vaticano II – especialmente a *Lumen Gentium* e a *Gaudium et Spes* –, da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), da *Populorum Progressio*, da *Octogesima Adveniens* e da *Ecclesiam Suam* e outros documentos, para o aprofundamento do tema da Evangelização (EN, 78).

A III Conferência Episcopal (1979) retomava a posição de Medellín (1968) sobre a profética e solidária opção preferencial pelos pobres. As chaves principais de leitura propostas são a Evangelização no presente e no futuro da América Latina. A primeira chave de leitura, “a Evangelização”, foi inserida na coordenada de tempo (presente e futuro) e de espaço – América Latina, visando, assim, a encarnar a tarefa fundamental da Igreja no momento histórico e no lugar geográfico cultural. No seu Discurso inaugural, João Paulo II refere-se à *Evangelii Nuntiandi*, n. 22, que afirma: “Não há evangelização verdadeira enquanto não se anunciar o nome, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus”. A missão que incumbe à Igreja evangelizadora é: “pregar a conversão, libertar o homem e impulsioná-lo rumo ao mistério de comunhão com a Trindade e comunhão com todos os irmãos, transformando-os em agentes e cooperadores do desígnio de Deus” (PUEBLA, 563).

As análises da realidade histórica, sócio-política-econômica realizadas a partir do método teológico-pastoral do *ver, julgar e Agir*, serviram para traçar pistas para a realização da Evangelização. O documento despertava a consciência da Igreja para a temática da Libertação. O prisma central de leitura da “Evangelização” contribuiu para fornecer a raiz última da motivação (a fé na Palavra de Deus, no seguimento de Cristo e na tradição da Igreja), o alcance transcendente e a percepção da sua raiz profunda (o pecado).

O documento afirmava a necessidade de conversão de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres, em vista à sua libertação integral. A opção preferencial dos pobres é, no documento, o ângulo por meio do qual os bispos fazem a leitura da realidade latino-americana, abrem pistas, questionam, denunciam e anunciam, assim como pelo qual os leva a sublinhar algumas dimensões da cristologia, eclesiologia e evangelização, muito relevantes para a situação sócio-política do Continente. Nessa perspectiva, a evangelização ia além de sua tríplice verdade sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre a dignidade humana. As reflexões pastorais estavam centradas no presente e no futuro. Pouco se preocupava com conhecer o passado, com acumular dados e ensinamentos.

A segunda chave de leitura proposta para a ação na e pela Igreja foi “Comunhão e Participação” enquanto realidade a ser conquistada (PUEBLA 570, 588, 639, 1113, 1165). Porém, para que essa dupla utopia não se perdesse em desejos românticos, voluntaristas e idealista, introduziu-se o tema da “Opção preferencial pelos Pobres” dentro da realidade de injustiça institucionalizada da América Latina, de tal modo que “Comunhão e Participação” passaram a ser compreendidas a partir dessa predileção pelos povos simples, pelas classes populares empobrecidas e exploradas do Continente. Qualquer projeto de “Comunhão e Participação” não orientado nessa direção arriscava a ocultar a jogada do sistema capitalista, ocultando as contradições e os conflitos da realidade social.

Além disso, “Comunhão e Participação” só se considerava uma chave de leitura para a análise descritiva e analítica do contexto sociocultural e, sobretudo, para a ação pastoral da Igreja. A chave de leitura “Comunhão e Participação” encontrava, na América Latina, um

lugar privilegiado para as Comunidades Eclesiais de Base, constituídas pelas camadas mais pobres das regiões rurais e das periferias. Nesses espaços de vitalidade e de amor, vivia-se a comunhão de fé, de vida, de compromisso com a libertação em uma participação responsável na Igreja e na Sociedade. A “Comunhão e participação” indicava “não só o desejo e a determinação da unidade, mas também a coincidência na verdade plena de Jesus Cristo. Também asseguram e constroem a unidade da Igreja os sacramentos” (PUEBLA 246).

Puebla mencionava, ainda, a partir da percepção sócio analítica dos 10 anos de Medellín, a denúncia às situações de injustiça, violência institucionalizada, extrema penúria e sofrimento das grandes massas do Continente (PUEBLA 328; 509). O grande desafio da Conferência, ao querer propor linhas e orientações pastorais, foi de adaptar suas propostas aos diferentes rostos da pobreza: índios, negros, camponeses, operários, marginalizados, favelados urbanos, desempregados e subdesempregados, jovens, crianças, mulheres, anciãos (PUEBLA 31). Ao analisar as raízes profundas dessa situação, o documento apontava a dependência econômica, tecnológica, política e cultural. Assinalava outros fatores como a falta de uma reforma estrutural na agricultura, a corrida armamentista, a falta de integração entre as nossas nações, a crise de valores morais, o mistério do pecado que isso tudo revela (PUEBLA 67d).

Enucleava-se, assim, a temática da libertação integral, assim como outros temas como a promoção humana, a conversão como base e garantia da transformação de estruturas e do ambiente social. Acentua-se, desse modo, que o aspecto de uma libertação de nossos povos e a nosso pessoal vai se realizando na história e abarca diferentes dimensões da existência: a social, a política, a econômica, a cultural e o conjunto de suas relações.

Desse modo, a III Conferência retomava, com renovada esperança, a posição da Conferência de Medellín pela “Opção preferencial e solidária dos pobres”, em vista à sua libertação total. Em íntima relação com a opção preferencial pelos pobres, a Igreja da América Latina manifestava também sua predileção pelos jovens, porque a maioria deles viviam seus anos sob o efeito das injustiças sociais e da pobreza. É uma opção que deveria trazer modificações na maneira como a pastoral da juventude tinha se organizado até então, visava a propor não apenas o aspecto psico-religioso do jovem, mas o desenvolvimento de sua personalidade e sua maturação na fé.

Destaca-se, também a importância para com a ação da Igreja com “os construtores da sociedade pluralista na América Latina” e “a ação pela pessoa na sociedade nacional e internacional” (PUEBLA 1133). São pontos novos trabalhados pela Conferência, pois visava a atribuir à Igreja um importante papel na transformação, desde dentro, das estruturas da sociedade pluralista atual, a partir do anúncio da Boa Nova e do apelo a uma conversão radical. Nesse sentido, enfatizava o papel de ser agente de conscientização e a conversão interior no empenho das transformações das estruturas econômicas, políticas, culturais e jurídicas (PUEBLA 1220).

De tal modo, a comunidade cristã assumiu um papel importante em acompanhar, com atuações eficazes, os construtores de um “mundo mais justo, humano e habitável, que não se fecha em si mesmo, mas se abre para Deus” (PUEBLA 864), para uma nova sociedade. Assim, o exercício dessa tarefa deveria fundamentar-se no aprofundamento da Doutrina Social da Igreja e da Ética Social (PUEBLA 1008). Contudo, predominava em Puebla, ainda, um discurso ético e exortativo. O documento indicava algumas mediações concretas, como a criação de organismos de Ação Social e de Promoção Humana e a colaboração entre as Conferências Episcopais para o estudo dos problemas pastorais, especialmente no referente à

justiça. Exortava à criatividade das Igrejas particulares ou das Conferências Nacionais ou mesmo do CELAM, para a Evangelização da América Latina.

Na Alocução Introdutória aos trabalhos da III Conferência geral do Episcopado Latino-americano, o Cardeal Aloísio Lorscheider, presidente do CELAM, afirmava: “O grito de esperança e angústia de nossos povos que chega até esta Conferência e pede uma resposta profética, exige o compromisso de encarnação da Palavra de Deus em nossa vida e em nosso anúncio” (PUEBLA, 1) Além disso, exortava que não se tratava apenas “de desenvolver e completar uma ação pastoral já desenvolvida, mas sim, de lançar a semente e pôr as bases de uma transformação da sociedade Latino-americana inspirada pelo Evangelho”. E, lembrava: “é necessário pensar na edificação de uma nova realidade, de uma inserção evangélica na nova sociedade que surge na América Latina muito ligada com o povo do mundo de hoje e de amanhã” (PUEBLA, 1, p. 50).

2. CRISTÃOS LEIGOS SUJEITOS NA SOCIEDADE E NA IGREJA

Embora o cenário sócio-político não fosse favorável ao diálogo, a Igreja em Puebla se preocupou em elaborar um plano teológico voltado para o direito do trabalho e da vida e acompanhado da prática da justiça. Com as mudanças sociais, industrialização e desenvolvimento educacional e econômico, fez-se necessário repensar a atuação da Igreja frente aos problemas da sociedade e, também, frente às dificuldades de relacionamento com os governos.

Nesse sentido, os bispos incentivaram uma especial criatividade na instauração de ministérios ou serviços conferidos a fiéis leigos que pudessem ser exercidos por eles “de acordo com as necessidades da Evangelização”. Exortaram ainda especial cuidado para com sua formação (PUEBLA 833). Assim, os movimentos laicais assumiram grande força e se colocaram ao lado dos menos favorecidos, pensando em uma Igreja para o pobre latino-americano. Desse modo, Puebla reconheceu a importância da vocação e atuação dos leigos na Igreja e no mundo. Com isso, quer incentivar o laicato a dar seu testemunho de dedicação cristã, contribuindo com a tarefa de apresentar a fisionomia de uma Igreja comprometida com a promoção da justiça com os povos do Continente (PUEBLA 777). Surge, assim, no âmbito das Igrejas particulares, nas pequenas comunidades e paróquias, variados “carismas e serviços” (PUEBLA, 565). Os leigos e as leigas são chamados a colaborar com seus pastores na comunidade eclesial para seu crescimento, exercendo diversos ministérios, como por exemplo no plano pastoral da palavra, da liturgia ou também da direção da comunidade (PUEBLA 804). Leigos e leigas começaram a sentir forte interpelação diante dos sistemas e estruturas injustas, de opressão e de marginalização (PUEBLA 778).

Na análise da realidade latino-americana, o Documento coloca o problema do indiferentismo, mais que o do ateísmo, como um problema que se encontra enraizado tanto em grupos intelectuais, como também em grupos de profissionais, chegando aos jovens e até à classe operária. E mais, a própria ação positiva da Igreja em defesa dos direitos humanos, assim como o seu comportamento em relação aos pobres têm levado grupos economicamente poderosos, que se consideram líderes do catolicismo, a se sentirem como que abandonados pela Igreja que, segundo eles, teria deixado a missão espiritual. O Documento declara que existe ainda outro grupo que se diz católico, porém “à sua maneira”, e que não mais acata as

orientações básicas da Igreja. Pior do que isso, são aqueles que valorizam mais a própria “ideologia” do que sua fé e pertença à igreja (PUEBLA, 79).

Esses problemas são agravados pela ignorância religiosa que existe em todos os níveis apresentados, desde os intelectuais até os totalmente analfabetos. Mesmo diante dessas questões, é possível comprovar o progresso positivo por meio da catequese e, de modo especial, de uma catequese voltada para os adultos (PUEBLA, 79). Essas questões levaram, com certeza, a pensar, além de uma formação, uma conversão de pensamento e de desenvolvimento do laicato, tanto na política quanto na sociedade. Esse deveria exercer a evangelização no seu próprio campo, ou seja, nas realidades do mundo (PUEBLA, 125).

A presença atuante do leigo no mundo e o reconhecimento do ministério laical individual em sua variedade e diversidade (PUEBLA 804), orientado para uma prática cristã de envolvimento, foram pontos determinantes nos estudos da Conferência, principalmente no âmbito político, o qual deveria ter uma orientação precisa, séria e consciente, assim como sua atuação deveria ser pautada pela luz do Evangelho e da visão cristã (PUEBLA 786). O ministério laical foi fundamental para revitalizar constantemente a ação evangelizadora, converter a consciência pessoal e coletiva para o reino de Deus, motivar a inserção na pastoral eclesial, ser instrumento de formação e adquirir uma profunda espiritualidade. Constata-se, assim, uma intenção maior, por parte dos bispos latino-americanos, em dar força ao leigo e fazer dele parte do envolvimento da missão da Igreja no mundo. O leigo é chamado a dar testemunho de sua vida, por sua palavra e ação concreta, e “tem a responsabilidade de ordenar as realidades temporais, para pô-las a serviço da instauração do Reino de Deus” (PUEBLA, 789).

Outro ponto importante a ser destacado é que a mulher também foi lembrada, nesse Documento. Foi realizada uma análise sobre a sua situação e, assim, exaltada sua dignidade, para mostrar sua importante participação na vida da Igreja, inclusive em razão da constatação de ministérios não-ordenados. “A mulher, com suas aptidões características, deve contribuir eficazmente para a missão da Igreja, participando em organismos de planejamento e coordenação pastoral, catequese etc. A possibilidade de confiar às mulheres ministérios não ordenados lhes abrirá novos caminhos de participação na vida e missão da Igreja” (PUEBLA, 845).

Puebla destaca, desse modo, a raiz e o significado da missão do laicato, que o Vaticano II se preocupou em aprofundar em alguns documentos. Leigos e leigas contribuem para construir a Igreja como comunidade de fé, de oração e de caridade fraterna. Fazem isso por meio da catequese, da vida sacramental, da ajuda a seus irmãos. Daí se segue a multiplicidade de formas de apostolado. Pelo seu testemunho de vida, por sua palavra oportuna e sua ação concreta, leigos e leigas têm a responsabilidade de ordenar as realidades temporais para colocá-las a serviço da instauração do Reino de Deus (PUEBLA 789).

3. PUEBLA 40 ANOS: DA OPÇÃO PELOS POBRES A UMA IGREJA EM SAÍDA

É tarefa da Igreja na América Latina “pregar a conversão, libertar o homem e impulsioná-lo rumo ao mistério de comunhão com a Trindade e comunhão com todos os irmãos, transformando-os em agentes cooperadores do designo de Deus” (PUEBLA 563). Essa dimensão de trazer o Evangelho ao mundo está relacionada com diversos temas

abordados pela Conferência de Puebla, que são os seguintes: evangelização e cultura; evangelização, ideologia e política; laicato; educação; ação da Igreja ao lado dos construtores da sociedade pluralista; ação da Igreja em favor da pessoa, na sociedade nacional e internacional; e opção preferencial pelos pobres.

A memória vivificante desse evento nos instiga a refazer nossa esperança diante das vicissitudes históricas que os pobres vêm enfrentando hoje no Brasil e na América Latina. Percorremos já quatro décadas, desde sua realização. Muitas prioridades assinaladas por esse acontecimento despertaram a consciência de cristãos leigos e leigas, em geral, e dos membros da Igreja Católica, em especial, para o compromisso com a causa dos pobres e com os valores do Reino de Deus, anunciados e testemunhados por Jesus na História.

Contudo, ouvimos, ainda, hoje “do coração dos vários países que formam a AL um clamor que está subindo ao céu cada vez mais impressionante. É um grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos” (PUEBLA, 87). “Vivemos um tempo em que o clamor é claro, crescente, impetuoso e, em alguns casos, ameaçador” (PUEBLA, 89). Um clamor como reitera e expressa Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (EG), em busca de uma “Igreja em Saída, de uma Igreja missionária, de portas abertas” (EG, 19, I), uma Igreja voltada para o fortalecimento da causa libertadora do povo dos pobres, apesar e além das profundas adversidades enfrentadas, na atual conjuntura sócio eclesial. “Às vezes trata-se de ouvir o clamor de povos inteiros, dos povos mais pobres da terra, porque ‘a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos’” (EG 190).

As situações de extrema pobreza generalizada adquirem, na vida real, feições concertas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela (PUEBLA 31):

- feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família (PUEBLA, 32);
- feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação (PUEBLA, 33);
- feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres (PUEBLA, 34);
- feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem-terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram (PUEBLA, 35);
- feições de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos (PUEBLA, 36);
- feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos (PUEBLA, 37);
- feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais (PUEBLA, 38);

- feições de anciãos cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem (PUEBLA, 39).

Nessa análise, está presente uma atitude de profunda solidariedade com o povo crente e oprimido e um compromisso com as causas das maiorias empobrecidas, na qual se reconhece a própria causa de Jesus. Desde Puebla, a escuta do clamor pela justiça e de respeito pelos direitos dos povos e de sua cultura perpassam a ação da Igreja. Contudo, no momento atual, faz-se necessária “uma renovação eclesial” (EG 27), ou seja, uma reforma das estruturas, a fim de que essas se tornem mais missionárias e possibilitem “uma pastoral ordinária mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG 27). Outro aspecto que se faz patente na Igreja atual é a luta em prol da dignidade da pessoa humana e dos povos.

Diante da crise socioeconômica, política e cultural profunda, do individualismo pós-moderno e globalizado, “a ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais”, promove a defesa da vida, dos direitos humanos e civis, do meio ambiente e o bem comum (EG 65,66,67).

Para Francisco, a exclusão e a desigualdade social provocam a explosão da violência: “Acusam-se da violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há-de provocar a explosão” (EG, 59). Esse desequilíbrio social, continua o papa, “provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira. Por isso, negam o direito de controle dos Estados, encarregados de velar pela tutela do bem comum” (EG 56).

Por essa fundamentação é que perpassa toda solidariedade com o ser humano latino-americano, a atenção à sua realidade e o compromisso com a sua libertação, presente em todas as reflexões do Documento de Puebla e da *Evangelii Gaudium*. A solidariedade aqui não significa atos esporádicos de generosidade, “supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG 188). As práticas de solidariedade, quando se fazem carne,

abrem caminho a outras transformações estruturais e tornam-nas possíveis. Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes (EG 189).

É nesse contexto que se coloca o desafio “da nova evangelização”. A Igreja, inspirada pela Opção Preferencial dos Pobres, deve se deixar

evangelizar por eles” e “reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (EG 198).

A fé cristã não despreza a atividade sociopolítica; pelo contrário, valoriza-a e a tem na alta estima (PUEBLA, 514). A dimensão política, constitutiva do homem, representa um aspecto relevante da convivência humana. Possui um aspecto englobante, porque tem como fim o bem comum da sociedade. Mas nem por isso esgota a gama das relações sociais (PUEBLA, 513).

A Igreja – falando ainda em geral, sem distinguir o papel que compete a seus diversos membros – sente como seu dever e direito estar presente nesse campo da realidade, porque o cristianismo deve evangelizar a totalidade da existência humana, inclusive a dimensão política. Por isso, ela critica aqueles que tendem a reduzir o espaço da fé à vida pessoal ou familiar, excluindo a ordem profissional, econômica, social e política, como se o pecado, o amor, a oração e o perdão não tivessem importância nesses âmbitos. Efetivamente, a necessidade da presença da Igreja no âmbito político provém do mais íntimo da fé cristã, qual seja, do domínio de Cristo, para se estender a toda a vida. Cristo marca a irmandade definitiva da humanidade; cada homem vale tanto quanto o outro: “Todos sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28). (PUEBLA 515, 516).

Para Francisco, sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. A “saída” deve favorecer uma resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. “Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas aberta. É uma mãe de coração aberto” (EG, 46). “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai” (EG, 47), que acolhe, protege, une, integra e respeita a dignidade de cada um de seus Filhos. “A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10, 10)”. (EG 75).

Desse modo, confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que “assim lhe confere uma dignidade infinita” (EG 178). Não há evangelização completa “se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens” (EG, 181). No contexto atual, é necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente e que suscite os valores fundamentais. Torna-se necessário adaptar os novos paradigmas de evangelização às novas histórias de vida, aos núcleos mais profundos da alma das cidades, às variadas formas culturais, que exercem, muitas vezes práticas, de segregação e violência. “A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil” (EG, 74), a ser espaço de encontro e solidariedade. Desse modo, o anúncio do Evangelho será a base para restabelecer a dignidade da vida humana, seu sentido unitário e completo. “Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: ‘Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim (Gl 2,20)”, diz Francisco na *Evangelii Gaudium*, 160.

CONCLUSÃO

Um dos aspectos importantes que merece destaque, na Conferência de Puebla, é que ela não significou propriamente uma ruptura em relação a Medellín, nem uma tranquila continuidade. As mudanças no contexto sócio-político e, principalmente, no eclesial

influenciaram a ação da Igreja e, de modo mais concreto, o apostolado e a ação evangelizadora dos leigos. Puebla possibilitou uma pastoral renovada do laicato e canais permanentes e sistemáticos de formação doutrinal e espiritual, com atualização de conteúdos e pedagogia adequada (PUEBLA 806). Outrossim, propiciou uma comunhão maior entre pastores e leigos e uma pastoral mais orgânica, atenta à evangelização e ao compromisso social.

Puebla abrange grandes questões da presença e da tarefa da Igreja na América Latina. Quanto ao aspecto doutrinário, teve a evangelização como tema central, a comunhão e participação como meta e a libertação como o caminho pelo qual,

solidários com os sofrimentos e as aspirações do nosso povo, sentimos a urgência de lhe dar o que é especificamente nossos: o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. Sentimos que esta é a “Força de Deus” (Rm 1,16), capaz de transformar nossa realidade pessoal e social e de encaminhá-la para a liberdade e a fraternidade, para a manifestação plena do Reino de Deus (PUEBLA 181).

É o começo de um novo período da vida da Igreja na América Latina. O tema da evangelização da cultura e da Igreja Missionária sob o dinamismo do Espírito é o ponto de conexão com a “Igreja em Saída” proposta pelo Papa Francisco. A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. *Primeireiam*, ou seja, tomam a iniciativa [...] sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. [...] A “Igreja em Saída” sabe envolver-se [...] e envolve os seus, se põe de joelhos diante dos outros para os lavar, “entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo, sente o ‘cheiro das ovelhas’, a fim de que estas escutam a sua voz”. A comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”, a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam”. A “Igreja em Saída”, “fiel ao dom do Senhor, sabe também “frutificar”, ou seja, “mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio”. E, ainda, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre “festejar”: “celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização” (EG 24).

Dessa forma, resta claro que o tema principal abordado em Puebla e retomado por Francisco foi o pedido de cumprimento da mensagem de Cristo que envia a todos para evangelizar: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Assim, todos os homens e o homem todo são sujeito e protagonista da Evangelização. Trata-se, portanto, “de uma interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens” (EG, 181). É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, que é proposto para a promoção integral de cada ser humano. Nisso consiste o sentido integral da missão evangelizadora para Igreja latino-americana. “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). É essa a identidade que caracteriza a identidade histórica da Igreja da América Latina e a missão dos leigos na Igreja. Todos somos chamados a essa nova “saída” missionária (EG 20). Cada cristão e cada comunidade hão de discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos somos convidados a aceitar essa chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG 22)

BIBLIOGRAFIA

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Igreja dos pobres: sacramento do povo universal de Deus. In: TOMITA, Luiza Etsuko; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (orgs.). Pluralismo e Libertação: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã. São Paulo: Loyola, 2005. pp. 193-214.

CODINA, Victor. Os pobres, a Igreja e a Teologia. In: VIGIL, José Maria (org). Descer da Cruz os Pobres: Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 70-70.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2004.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO VI, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1976.